

# A visão cansada do homem

*Vitor Fernandes*

## BIOGRAFIA DO AUTOR —

Vitor é professor de língua portuguesa na rede privada da cidade Rio de Janeiro, onde também se formou em Letras. Nasceu, foi criado e se criou no Oeste da cidade, que se confunde entre ser periferia ou sertão. Escreve desde pequeno, porque só precisava de um documento do Word, e teve alguns textos de adolescente, ou gótico, publicados pelo entusiasmo da escola quando tinha 16 anos.

## RESUMO DO TEXTO —

A história a seguir é a história de qualquer um que se desconectou de alguma coisa. Alguém está numa situação comum da vida, mas se questiona se a vida existe. Um aquário dado por Cláudia é o suficiente para provocar a saída para a rua, para refletir sobre memória e questionar a realidade. É difícil se reconectar quando nada prova que a vida existe... Alguém duvida de si mesmo e do seu passado. Alguém sai nas ruas e

conversa consigo para saber onde está no mundo ou o que é isso tudo. Mas tudo cansa, inclusive pensar demais sobre essas coisas.



Por mais que eu pense, não acho a porra de uma causa pra caralho nenhum. Tudo é nada. Por que eu falo disso, Cláudia? Porra, Cláudia! Cara... quebrou meu clima pra falar disso. Tu não tá ligando, né? Tu tá fazendo o quê? Mandando mensagem pro Carlinhos, só pode. Eu devia ter ligado pro teu celular pra você ficar fingindo que presta atenção em mim com mais esforço. Desse jeito, tá óbvio. Tu sabe que eu percebo as coisas rápido, caralho... Não quero mais falar cacete nenhum também não, Cláudia! Tchau. Depois a gente se fala. Um dia, esse Carlinhos vai te meter um chifrão. Isso mesmo. Depois a gente se fala. Mais tarde, não. Mas, no final de semana, vou sim. Tchau.

46

Ah, porra! Agora eu não tenho ninguém pra falar dessas coisa na minha cabeça. Esse apartamento gelado com esse janelão aberto também... Mas melhor que ficar tudo fechado, trancado, silêncio demais, hoje não vai rolar. Incrível minha capacidade de falar comigo mesmo na cabeça... por tempo pra cacete. Porra, aqui fora tá frio mesmo. Minha cara tá ficando dormente já, aí não dá. Não tô sentindo mais nada. Nada. Também não dá pra deixar a janela fechada porque esse apartamento fechado vai ser demais pra mim. Vou ter que voltar pra dentro, no sofá. Dalí dá pra pegar um vento, ver a paisagem de prédios e não ficar aqui... dormente.

Não vou ligar a TV. Não quero ver nada. Preciso é sair um pouco, talvez fugir dessas paredes todas. Meio beges, meio brancas. Mas deu previsão de chuva no lembrete do celular, e chuva aqui, ultimamente, é sinal de tragédia. Não rola. Vou ter que ficar por aqui comigo mesmo. Com essa cabeça fodida. Esse aquário falso aqui do lado é uma desgraça. A Cláudia foi uma praga me dando isso. Maldita! Eu amo essa mulher, é minha irmã, mas que maldita! Eu falei que achava ele estranho. Os peixes não são de verdade. São uma coisa estranha. Não é um vídeo também. São uns bichinhos que se comportam como peixe, sabem onde tá a comida quando você bota. Sabem avisar a hora do alimento. Mas não são vivos. São uns... uns tamagotchis meio The Walking Dead, meio Black Mirror, sabe, cara? Cara... só tem eu e eu aqui... eu falando comigo mesmo usando "cara"... Aí tem mais de um deles ali no aquário. Tem cinco. Bonitos até. Eles chegam perto um do outro, parecem até dançar. Aí... em cima tem a bateria de cada um, quase nem dá pra ver, a gente joga uma comidinha

especial... esse negocinho acende. A água não é água também. Não sei o que é. Vou encostar meu dedo no vidro... um toque no vidro só... os bichos somem. Mano, isso não é normal! Esses dias, eu li que a gente nunca vai saber se tiver dentro uma simulação virtual. Porra! Se isso for verdade, quem foi o sádico que criou essa porra? Deixar a gente numa simulação de sofrimento e de umas alegrias. De sofrimento e prazer. De um monte de mentira e brisa. O bicho me olha como se entendesse.

–Tu não me entende, tu nem existe.

E tu tá falando com ele e ele te olha. Chegam outros. Ficam meio em fila me encarando ao longo do vidro. Mano, que merda é essa? Já saí do sofá na pressa, quase caindo e fui pra longe do aquário. Mas tava vidrado naquela cena. Fui pra um lado, eles me acompanharam. Fui pro outro e esses demônio foram também. Mano, essa merda tá viva? Pensei em desligar a tomada, mas fiquei com pena. O bicho parecia vivo. Peguei um controle. Ia apertar o botão do stand-by de longe. Eu que não ia ficar perto daquele caralho. Me estiquei de onde tava, coloquei o pé na ponta dos dedos e estiquei o braço todo com o controle na ponta. Um Michelangelo, quase. Consegui. Os bichinhos abaixaram as cabecinhas, ficaram em linha reta e foram abaixando.

Fiquei pensando naquilo. Eu sabia que aquele aquário era horrível, mas de ser uma merda de mexer com a minha cabeça, era um novo nível. Será que eles sabiam que eram de mentira? Porque eu não sei, eu acho que sou de verdade, mas não sei. Um dia, tinha olhado pro horizonte e visto o céu meio serrilhado, sabe? Tipo... tipo jogo que não roda direito, uma placa de vídeo ruim. Estranho pra cacete. A Cláudia não vai me atender agora... eu falei que tinha coisa pra falar com ela, mas ela só quer saber de Carlinhos agora, aquele puto. Também ela ia pensar que eu tô louco e ia ter que tomar remédio... Eu também ia achar isso. Foda-se! Vou dar uma volta, já deu dessas doideira aqui em casa. Eu não ia tá pensando nisso se essa vida fosse menos zoada. Botei meu new balance, porque eu vou sair na estileira hoje. Botei uns fones. Mac DeMarco. Carai, mó loco esse cara! Não sei muito dele não, mas eu acho meio psicodélico. Desci pelas escadas meio correndo, tava agitado. As luzes acendiam conforme eu passava. Apagavam conforme eu sumia. Tudo controlável. Passei o saguão, falei com o porteiro. Óbvio. Hoje tá perigoso aí fora, é melhor o senhor ficar atento. O que tinha acontecido? Sei não, mas tava umas correrias, tá um clima estranho também, céu tá ameaçando cair.

Ô, merda...

Bati os dedos, com pressa, sobre o mármore da bancada do porteiro. Vou ficar esperto... Tô sentindo umas paradas também. Na rua, os semáforos estavam todos amarelos. Isso acontece quando eles desligam ou religam. Sei que isso acontece quando dá merda. Os carros passam meio tensos nos cruzamentos porque tá tudo amarelo. Sinal de atenção, mas dá pânico na galera. Tem gente atravessando correndo, tem gente que nem atravessa. Eu não preciso atravessar. Chegou um carro da guarda municipal, parece que vão ajudar. Um carro passa correndo do meu lado na rua. O carro passa direto e caga pra guarda municipal. Nenhum carro cruzou com ele. Esqueci pra onde eu tava indo. Fui andando evitando os grandes cruzamentos porque todos estavam sem sinal. Vi uma banca de jornal fechada. Tinham pichado a banca: “a visão do homem agora cansa...” com reticências mesmo, nada de exclamação.

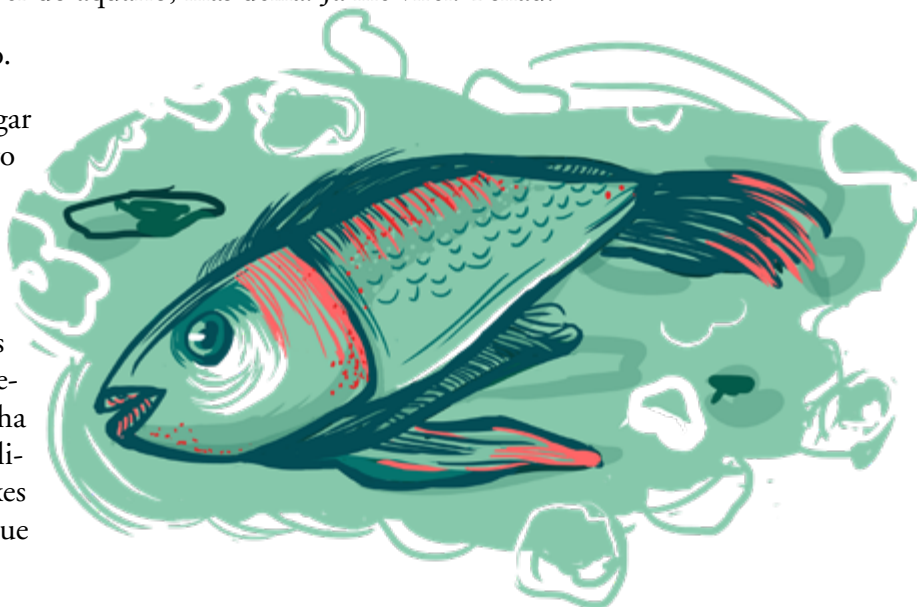
Parei. Movi meus olhos ao redor, procurando alguma evidência. Nada. Desde que acordei, tudo tava meio merda nessa porra. Nenhuma evidência da vida existir. Uma sensação de despertencimento, de não fazer parte disso aqui. Tem um jogo... de videogame... muito bom... o cara sofre um acidente de avião, cai no mar e sobrevive de alguma forma. Dali pra frente, ele tem umas aventuras... A questão é que nada daquilo aconteceu e o cara teve lembranças criadas na cabeça. Loucura da porra. Mas quem garante? Os peixinhos no aquário... eles garantem sua verdade vivendo ali, num arremedo de água, num oceano que eu rio, e são só peças. Eu desligo. Ligo. Não é real. Cláudia não ligou pra isso. Me fodeu. Falei pra ela que tava cismado com algumas coisas, e tava mesmo. Essa sensação... eu não saio falando por aí, vou no banho-maria... até que jogo. A Cláudia tava beijando na boca, fodendo e sendo fodida, nem me ouviu mais. Só me deu aquele caralho de aquário. Eu não vou aguentar aqueles

bichos, vou jogar fora. Vão tudo pro lixo. Uma vez, ela disse que era falta de mulher ou de homem na minha vida. Porra! Se era falta de mulher, eu ia ter que ficar 24h fodendo e, mesmo assim... uma hora eu ia foder pensando se era mentira o que eu vivia. Não era isso, é minha cabeça. às vezes, as memórias se confundem. Ontem, eu e Cláudia, a gente brigava por um pedaço de bolo de fubá em casa. Ela cheia de meleca na cara. Do nada, tô aqui. Pisquei, tô aqui. Pior: do nada, eu fiquei consciente dos meus dias, um atrás do outro, mas teve uma época que eu só lembro por umas coisas na cabeça... uns episódios... será se aconteceu? Um dia, nosso pai contava sobre um parente em Belém, um velho espanhol que só andava de terno branco pra cima e pra baixo. Contava do velho com orgulho... o quintal dele sempre aberto pra comemorar o círio e comer e comer e juntar a família. Papai se lembrava e chorava um pouquinho. Abraçava a gente. O velho parecia uma figura folclórica no meio da floresta, sempre imaginei ele ruivo. Um curupira espanhol vestindo terno branco. Ele era meu mito de pertencer a algum lugar muito distante... muito antigo. Nem eu nem Cláudia conhecemos o velho espanhol. Nem Belém do Pará. Papai parou de falar dele com os anos. Hoje, com certeza, o velho espanhol tá morto e ninguém sabe de mais nada. E o diabo vai carregar suas lembranças pra comer na terra. E apagou. Nem velho espanhol nem Belém. Parece que é tão longe, parece que sempre fui daqui e tudo é daqui, mas ao mesmo tempo não tenho nada desse mundo que vivo... Eu não lembro direito de quando era criança e papai contava essas coisas... E, mesmo quando falo de mim nessa época, parece que falo de uma terceira pessoa, não parece eu. É uma porra! Talvez eu já nasci grande, por isso não sei de nada. Talvez Belém seja só um nome aleatório pra um lugar de origem, como um made in China em todo produto nosso que não tem cara de estrangeiro, só de pirata. Mas enfim... A memória tá morta. A realidade foi enterrada junto. E isso é uma porra porque não sei mais o que é real ou não. Como vou dizer o que é real? O velho espanhol é surreal. O aquário com vida é irreal. O real mesmo tá morto.

Depois disso tudo, fiquei cansado. Sentei num banco de praça sem praça alguma por perto, só um ponto de ônibus. Tava respirando meio acelerado. Por isso me incomoda meu corpo e minha mente. Penso muito. Minha mente se mexe demais. Voa, caralho! Voa pra longe. Foge do corpo. Voa pro céu. Depois do céu, tem o espaço. Os planetas e as estrelas. Os sistemas. A galáxia. Coletivos. E a beirada do universo em expansão. E fora dele? Puta merda, tava melhor conversando na portaria do prédio. Bem que o cara avisou pra não sair. Não importa o quanto eu tente fugir, vou sempre tá numa caixa. Igual o aquário que a Cláudia me deu. Meio sem importância igual o velho espanhol pra mim. Não me impressionaria um dia alguém desligar o céu e, pronto, game over. É... cansa pensar nessas coisas, é meio impotente. A Cláudia precisa atender essa porra de telefone. Minha respiração tá acelerada ainda. Cláudia? Até que enfim, cara! Onde? Sério? Eu tô na rua. Mas tem nada aqui perto, tem nada... Morreu gente? Caralho, Cláudia... Vai passar no jornal, com certeza. Porra, tá difícil viver aqui. Todo dia... Caralho, que merda, Cláudia. E era da família do Carlinhos? Puta que pariu... Tu vai lá no hospital? Entendi. Se precisar que eu vá, me fala. Eu vou também, ajudar vocês. Ok. Não era nada não, só queria saber do aquário, mas deixa. Já me virei. Tchau.

Desliguei. Nem liguei pra respiração.

Fui voltando umas quadras até chegar no apartamento. Falei com o porteiro de novo. Tá estranho lá fora mesmo, melhor o senhor ver como vai fazer pra voltar pra casa. Subi. Aquela sensação tinha voltado. Encarei o aquário. Liguei de novo. Os bichinhos voltaram a perambular felizes. Nem tinham sabido o que tinha acontecido. Nem saberiam. O Carlinhos devia tá uma merda... os peixes ficaram girando... subiam... sinal que



queriam sua comida, uma energia de bateria. Maldito bicho falso! Liguei a TV pra saber o que tava acontecendo por aí... Os peixes se carregavam, eu via as notícias do acidente e pensava nos próximos dias e na Cláudia e no Carlinhos. Fechei os olhos e a preocupação me desligou da visão cansada do homem.